

Feiras de livros como espaços de encontros: repercussões no processo criativo de ilustradores brasileiros

Natália Helena de Barros Mazon¹

Lucia Helena Reily²

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO LIVRO PARA A INFÂNCIA, como produção artística inserida na “indústria cultural”, combina em sua essência o particular e o universal, o privado e o público. No momento muitas vezes solitário da criação poética, ecoam e interagem vozes internas – memórias, questionamentos, elaborações de deslumbramentos e estranhamentos com o mundo – e vozes externas, oriundas de interações com o leitor, conversas com colegas, leituras realizadas, acontecimentos políticos, exposições visitadas. Compreende-se, assim, o processo de criação do autor (tanto do texto escrito como da imagem) como parte de um “campo relacional”³.

No caso do ilustrador, essas inter-relações do processo criativo não se restringem ao pensamento do artista, quando inicia um novo projeto no seu ateliê. Ao produzir um livro para a infância como produto cultural comerciável, as relações se tecem nos esforços conjuntos de diversos agentes da cadeia do livro. Cada qual interfere, direta ou indiretamente, em tomadas de decisões e escolhas de caminhos, nas mais variadas etapas da produção. Como diz Howard Becker, “A Arte acontece por meio de um sistema complexo de redes cooperativas”⁴.

Em diálogo íntimo com a cadeia produtiva do livro para a infância, estão também eventos literários e premiações que, além de divulgar e reconhecer a qualidade do que é publicado, são também agentes de criação de tendências estilísticas e projeção de editoras, escritores e ilustradores, legitimando determinadas produções em detrimento de outras. Esse processo repercute tanto no cenário amplo e complexo das relações políticas e comerciais da indústria cultural do livro, como também no trabalho individual e poético da criação artística de ateliê. Dentre os agentes dessa natureza, estão as feiras e festivais internacionais, que são importantes eventos para ilustradores de literatura infantil, uma vez que promovem encontros entre esses profissionais da imagem narrativa (de diferentes partes do mundo), permitem o acesso aos originais de suas obras e facilitam o alcance a uma grande variedade de exemplares da literatura infantil, ilustrados com as mais diversas técnicas e frutos de distintas poéticas.

Esses eventos são entendidos, aqui, como situações de troca de experiências que geram reflexão e questionamento e, muitas vezes, conflitos emocionais – no sentido proposto por Fayga Ostrower de “tensão psíquica, uma vez que não há crescimento sem conflito – conflito é condição de crescimento”⁵ – potencializadores de movimentos pessoais e, às vezes, coletivos de transformação das poéticas. Se considerarmos o livro para a infância uma “obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente”⁶ a experiência do ilustrador

¹ Doutoranda em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Arte-educadora na Escola Americana de Campinas. Contato: natmazon@gmail.com

² Arte-educadora e Livre Docente em Linguagem no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da Universidade Estadual de Campinas. Contato: lureily@fcm.unicamp.br

³ SALLES, C. A. *Redes de Criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

⁴ BECKER, H. S. *Art worlds*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2008, p.1.

⁵ OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977, p.11.

⁶ SALLES, C. A. *Redes de Criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008, p.25.

como criador, num evento como o das feiras é de interações que “envolvem também as relações entre espaço e tempo social e individual, em outras palavras, envolvem as relações do artista com a cultura, na qual está inserido e com aquelas que ele sai em busca.”⁷

Em várias ocasiões, as feiras de livros se prestam também como espaços de concessão de prêmios, gerando tensionamentos entre ilustradores que concorrem pelo reconhecimento da crítica, já que a premiação é um importante fator de legitimação da qualidade estética e literária de seu trabalho. Como explica Zilberman, os premiados

se beneficiam da repercussão obtida por suas obras, facultando-lhes chegar com mais facilidade ao público consumidor. Por sua vez, autores novos são prestigiados por prêmios literários que, embora de menor envergadura e de abrangência regional, alavancam carreiras e estimulam talentos promissores.⁸

Embora a literatura destinada especificamente a crianças e jovens tenha uma história relativamente recente no Brasil (em comparação à Europa, por exemplo), a produção nacional já é bastante consolidada e, em muitos casos, internacionalmente reconhecida, como revelam premiações e indicações a prêmios internacionais, recebidas por muitos de nossos escritores e ilustradores. Esse reconhecimento deve-se, em grande parte, a dois momentos do desenvolvimento desse segmento literário no Brasil: primeiramente, o *boom* de qualidade nas produções da década de 1970⁹, tanto do ponto de vista da escrita elaborada para o público infantil e juvenil, quanto do ponto de vista das ilustrações e, mais tarde, em meados da década de 1990, com o acesso a novos recursos de edição pela indústria gráfica¹⁰.

É possível notar na produção brasileira ao longo dos últimos vinte anos experimentações no âmbito da ilustração e dos projetos gráficos que conferem ao livro para infância, mais especificamente, o livro ilustrado ou *picturebook*, um caráter de objeto de arte. Para seu criador – sobretudo quando autor de imagem e palavra – trata-se de um genuíno meio de expressão artística. Como ficou evidente ao longo de nosso estudo, chegar a esse nível de refinamento da criação e qualidade dos livros produzidos foi resultado de trajetórias individuais e conjuntas, à medida que os artistas se debruçaram sobre novos modos de pensar e fazer o livro ilustrado, que envolviam inclusive a determinação de condições básicas de contrato a serem garantidas por parte das editoras para o desenvolvimento do trabalho.

Contextualização da pesquisa

O intuito deste estudo foi investigar a experiência de contato e troca entre profissionais, no contexto de eventos literários internacionais, como possível catalisadora de mudanças nos processos criativos dos artistas presentes. Este artigo pretende analisar o papel das feiras de livros infantis como um dos agentes do processo de produção do livro para infância; mais especificamente, dedicamos nossa atenção à Feira do Livro Infantil de Bolonha, que possibilitou

⁷ Idem.

⁸ ZILBERMAN, R. “Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI”. In: *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, (13), n. 15, 2010, p. 184.

⁹ ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

¹⁰ LAJOLO, 2010. “Literatura infantil brasileira e estudos literários”. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.36, jul-dez., 2010.

aos artistas brasileiros, sobretudo desde 1995, um contato significativo com obras de colegas de outras nacionalidades.

Inicialmente, tivemos acesso a relatos de Graça Lima e Marilda Castanha sobre a participação de artistas brasileiros na Feira de Bolonha no ano de 1995 (ano em que o Brasil foi o país convidado de honra) por meio do livro *Traço e Prosa*¹¹, que compila entrevistas com 12 ilustradores do sudeste brasileiro.

Para investigar as repercussões dessa vivência, partimos da coleta de depoimentos¹² sobre a participação dos entrevistados em eventos coletivos dedicados ao livro para a infância. Em complementação às nossas entrevistas, participamos da Feira do Livro Infantil de Bolonha (*Fiera del Libro per Ragazzi*), em 2017, e realizamos também pesquisa bibliográfica na Internationale Jungendbibliothek de Munique, onde tivemos contato com os catálogos da mostra anual de ilustradores da Feira de Bolonha (*Illustrators' Exhibition*), correspondentes a um intervalo de aproximadamente 20 anos, de 1993 a 2016.

Histórico da Feira do Livro Infantil de Bolonha e a participação do Brasil

A Feira do Livro Infantil de Bolonha teve início em 1964 e é considerada um dos eventos mais importantes no campo da produção literária internacional voltada aos públicos infantil e juvenil, sobretudo do ponto de vista das possibilidades de compra e venda de direitos de publicação entre editoras¹³. É também particularmente importante para o campo da ilustração de livros, uma vez que reúne mostras, conferências, *workshops* e outros eventos dedicados exclusivamente à ilustração. Artistas ilustradores – amadores, estudantes e profissionais – têm também, na feira, a possibilidade de mostrarem seus portfólios a editoras de diferentes países e divulgarem seu trabalho.

Dentre as mostras de ilustração que ocorrem durante a feira, certamente a mais tradicional e impactante aos visitantes é a Mostra de Ilustradores (*Illustrators' Exhibition*), que ocorre desde 1967 e é aberta à inscrição de profissionais e amadores de todo o mundo, que submetem suas ilustrações sem identificação de autoria. Todo ano, de 75 a 80 artistas têm suas obras selecionadas para exposição durante a feira e produção de catálogo (*Annual Illustrators*), o que já se configura como um sistema de legitimação profissional. O júri avaliador é composto por cinco profissionais convidados, incluindo editores, pesquisadores sobre ilustração, designers gráficos, membros de organizações dedicadas à literatura e à ilustração, acadêmicos, educadores e ilustradores. Anualmente, cada grupo de jurados determina seu próprio critério de seleção das obras, independentemente dos objetivos comerciais das editoras. Desde os primeiros anos do *Illustrators' Exhibition* e ainda na década de 1990, a maior parte dos trabalhos submetidos ao processo de seleção e, conseqüentemente, das obras selecionadas, eram de autores europeus.

¹¹ MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). *Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis* por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

¹² Entre os vários participantes do evento, tivemos ocasião de entrevistar os artistas brasileiros Graça Lima, Marilda Castanha e Roger Mello. Também entrevistamos Martin Salisbury e Odilon Moraes.

¹³ SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. Trad. Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2013, p. 170-171.

O Brasil participa da Feira de Bolonha desde 1974, por iniciativa e promoção da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ¹⁴), fundada em 1968, em parceria com a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e com apoio, desde 1991, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). A participação de brasileiros no evento tem sido acanhada na maioria das edições da Feira de Bolonha, certamente devido ao custo da viagem internacional. Nos anos em que o Brasil foi o país homenageado¹⁵, alguns patrocínios concedidos permitiram a presença de maior número de brasileiros no evento. Em nossa análise dos catálogos, constatamos poucos trabalhos brasileiros selecionados para a Mostra de Ilustradores, assim como de outros latino-americanos. O estande brasileiro na Feira em 1994 contou com a participação de 18 editoras, o que representou um incremento significativo da presença do Brasil no evento, segundo dados da edição comemorativa dos quarenta anos da FNLIJ¹⁶.

Nessa ocasião, a FNLIJ apresentou aos organizadores a proposta de o Brasil ser o país homenageado em 1995, mesmo porque na Feira do Livro de Frankfurt do ano anterior, o Brasil havia sido reconhecido por sua produção em literatura infantil com a exposição “O Livro para Crianças no Brasil”, na qual havia trabalhos de 24 ilustradores. Como parte dessa deferência na participação do evento, o país homenageado teria o direito de montar uma mostra com os originais de ilustrações mais representativos da produção nacional de sua época. A proposta foi aceita e, assim, o Brasil foi o convidado de honra em 1995, e exibiu a mostra *Brasil! A bright Blend of Colours!* A FNLIJ selecionou os ilustradores brasileiros mais reconhecidos e premiados à época, para exporem seus trabalhos na mostra, que reuniu 159 originais. Um catálogo com essas ilustrações foi publicado pela Editora Ática¹⁷.

Impactos da Feira de Bolonha de 1995

Dentre os ilustradores brasileiros presentes na feira e que tiveram obras expostas na mostra brasileira, estavam Graça Lima, Marilda Castanha e Roger Mello, que tiveram também a possibilidade de observar trabalhos de artistas ilustradores de outras nacionalidades, destacados na Mostra de Ilustração daquele ano. Em 1995, mais de 9000 ilustrações haviam sido inscritas e submetidas à avaliação do júri da Mostra Internacional, o que correspondia a mais de 1800 ilustradores, dentre os quais 89 tiveram suas obras selecionadas. Segundo texto de apresentação no catálogo das ilustrações daquele ano, o critério para a escolha das obras foi sua “originalidade, mérito artístico e técnico e apelo ao público infantil”¹⁸.

A partir do contato com as produções estrangeiras, alguns de nossos artistas ilustradores relataram ter passado por um processo de auto-avaliação em relação ao próprio trabalho. Nas palavras de Marilda Castanha, percebe-se o quão intensa foi a experiência para a artista:

¹⁴ A FNLIJ é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), uma organização não governamental, fundada na Suíça, em 1953. Conta com seções representativas em diferentes países.

¹⁵ O Brasil foi homenageado na Feira de Frankfurt em 1994 e 2013 e em Bolonha em 1995 e 2014.

¹⁶ SERRA, E. D. Exposições e ilustrações de obras de literatura infantil no exterior. In: **Um imaginário de livros e leitura: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

¹⁷ Idem.

¹⁸ ANNUAL'95: Fiction. Bologna – Illustrators of children's books. Illustratori di libri per ragazzi. New York: North South Books, 1995, p.2. Tradução nossa.

Participei da exposição *Brazil! A Bright Blend of Colors*, organizada pela FNLIJ. Bolonha é um impacto. O primeiro dia foi desanimador. Pensava: “Tudo já foi feito, vou voltar pra casa, mexer com outra coisa, não preciso fazer mais livro algum”. Depois, já no final da feira, acontece o contrário: uma vontade imensa de voltar logo pra casa, de começar a pintar, de achar que tem muitas coisas pra fazer. Nessa viagem, quando saí de Bolonha, foi que comprei as tintas acrílicas. Incomodou muito comparar todos aqueles trabalhos com a minha qualidade técnica. O que mais me impactou foi reconhecer o compromisso de cada ilustrador com o seu próprio trabalho e a ousadia da exposição de ilustração. Eu tinha uma sensação de que precisava de um “debruçar” maior sobre o meu trabalho.¹⁹

A movimentação de olhar para si próprio e para a própria produção foi impulsionada por um contato com o outro. Num primeiro momento, o outro era o estrangeiro, sobretudo o europeu, num contexto europeu (da Feira de Bolonha), que era também um contexto comercial, com interesses comerciais e detentor de um poder de legitimação da produção em ilustração para literatura infantil ao redor do mundo. Marilda Castanha percebeu que:

os ilustradores falavam do seu jeito e do seu lugar com muito compromisso e competência. O mexicano tinha a alma mexicana, muralista, os poloneses mostravam o jeito introspectivo, os nórdicos mostravam o frio, o gelo... Isso foi fundamental para me sinalizar o que eu queria fazer. E que eu devia ser o que eu já era: uma ilustradora brasileira. Eu ainda não tinha visto ou percebido isso de dentro do Brasil. Sair e voltar. [...] Você volta com um olhar que não é do estrangeiro, mas daquele que retorna, com a possibilidade de ver melhor o próprio trabalho.²⁰

No retorno ao Brasil, o movimento foi de olhar para o “outro” dentro das próprias histórias individuais e dentro do próprio território: o “outro” que é marginalizado, muitas vezes visto com superficialidade, desconhecimento e julgamento, taxado de exótico dentro do próprio Brasil, pelos próprios brasileiros. Graça Lima analisa:

A gente se deu conta de que o que fortalecia o trabalho deles [trabalhos europeus expostos na Mostra de Ilustradores da Feira, em 1995], não era o fato de terem museus, ou porque a educação deles era melhor do que a nossa... era porque eles tinham um profundo respeito pela própria cultura. [...] E essa cultura, europeia, foi a trazida para a gente, no séc. XIX, quando Dom João chega com a família real e traz a Real Biblioteca Portuguesa e aí traz os contos de fadas... o que a gente foi recebendo dessa informação imagética era europeia, era da missão francesa. A gente se acostumou a ver o Belo a partir do modelo europeu.²¹

Teria sido o movimento de busca por uma identidade mais “brasileira”, um desejo de atender à demanda europeia do que se entendia por Brasil? Ou a compreensão, naquele momento, de que a busca por resgatar raízes na história de nosso povo, bem como nas narrativas pessoais de

¹⁹ CASTANHA, M. “Marilda Castanha”. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). *Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis* por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 161.

²⁰ Idem.

²¹ LIMA, G. Entrevista. Duração: 00:51:15. Data: 28/01/2016.

cada um culminaria no encontro de uma identidade estética que contemplaria nossa diversidade e também nossas singularidades, particularidades enquanto país e enquanto criadores? Talvez more aí nossa potência e, ao olhar do avaliador europeu, nosso diferencial. Mas, mais do que isso, a importância de um debruçar sobre a diversidade de culturas, referências, povos que nos compõem enquanto sociedade seja o que possibilita trazer ao leitor brasileiro – mais do que ao estrangeiro, que de forma geral talvez continue a esperar estereótipos – uma ampliação do léxico visual dos leitores. Como disse Roger Mello, em entrevista, “não é um olhar antropológico das artes visuais, mas é a possibilidade de outras representações, outros grafismos, outras escalas de cor aparecerem no campo gráfico”²². Essa expansão do repertório visual e estético oferecida à infância brasileira traria acesso, então, a modelos de belo e beleza que não se restringiriam aos ícones europeus e à herança europeia em nossa cultura. Era preciso resgatar e valorizar a herança e os conhecimentos indígenas e africanos, o cotidiano das cidades pequenas e das grandes metrópoles, a iconografia folclórica, tradições e festividades populares brasileiras e as realidades das diversas infâncias que habitam nosso território, suas brincadeiras, cotidianos, frustrações e sonhos. Na ampliação dos ideais e referências de beleza, cabe a valorização das diversas existências, sua inclusão e representatividade.

Beber dessas fontes não era algo inédito na ilustração do livro para a infância no Brasil – Ciça Fittipaldi, por exemplo, já se dedicava a pesquisar grafismos indígenas e culturas de diferentes povos, sobretudo os Yanomami, desde a década de 1980 – entretanto, interessava-nos compreender a busca dos três artistas ilustradores por referências do que nos constitui como “brasileiros”, após a experiência de contato com as produções do “outro”, estrangeiro, europeu.

Para Roger Mello, pessoalmente, a experiência da Feira de 1995 não teria sido isoladamente catalisadora de mudanças em seu processo de criação, que o autor compreende como dinâmico e em constante progresso, conforme explicou em entrevista. Ele não interpretou a Feira de 1995 como um divisor de águas, e sim como um *work in progress*, uma “metamorfose ambulante”. Ele se vê como um artista em constante mutação, mas reconhece e valoriza o movimento de busca de identidade que percebeu no processo de suas colegas: “Agora, eu vejo no trabalho de Marilda e Graça uma busca pelo “eu”. A busca me interessa”²³.

Possivelmente, para Roger, as repercussões da vivência da Feira somaram-se a uma urgência que já vinha se configurando, em relação à produção do livro para a infância, de se valorizar e expor o conhecimento brasileiro e latino-americano, contidos em nossa história, tradições populares, mitologias, idiossincrasias. Roger identifica, por exemplo, em nossas referências folclóricas, reflexos de questões universais. O ilustrador lembra que muitos elementos constituintes de nossas manifestações culturais mais tradicionais ou antigas estão presentes também em manifestações e no imaginário de outras culturas, de outras épocas e lugares do mundo. Roger aponta semelhanças entre, por exemplo, narrativas da Antiguidade e tradições populares brasileiras oriundas de costumes trazidos pelos portugueses, que eram, por sua vez, “muito influenciados pelo imaginário grego”.²⁴

Talvez seja possível dizer que Roger pensa a narrativa como continuidade – não somente de tempo, percurso, envolvimento rítmico que se dá com o virar das páginas de um livro no

²² MELLO, R. Entrevista. Duração: 00:23:13. Data: 05/04/2017.

²³ Idem. Grifo nosso.

²⁴ MELLO, R. “Roger Mello”. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). *Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis* por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 217.

momento da leitura, mas continuidade da própria essência humana na narrativa de nossa vida, como indivíduos e como espécie na Terra.

Graça Lima também pontuou em entrevista que, na época do retorno ao Brasil após a Feira, o país passava por mudanças políticas e movimentos de valorização de ícones nacionais, que contribuía para um movimento maior de recuperar “a cultura popular, o modernismo brasileiro”²⁵. Na análise de Graça Lima, em relação às ilustrações do livro para infância na Europa e na América Latina, não caberia avaliar o que era melhor ou pior, já que eram processos distintos, diferentes. Para ela, o problema era o fato de buscar como fonte algo que não era próprio, não era genuíno, e sim um pastiche. “Forte é o original. Então, quando a gente voltou [da Feira de Bolonha], refletimos sobre isso”²⁶.

Essa busca pelo “original” reflete-se em aspectos plásticos e formais do trabalho – escolha de materiais, técnicas, composição – que, na maior parte dos casos, estão intimamente atrelados ao conteúdo narrativo: “O material é a tradução de uma necessidade interna”, define Marilda²⁷. A escolha da tinta acrílica, no caso de Marilda Castanha, possibilitava maior liberdade ao gesto, ao improvisado e a um efeito chapado similar ao que se consegue também com o guache. Com esses recursos, bem como com a criação de texturas e paletas possibilitadas pelo uso da tinta acrílica, a poética visual de Marilda, que antes trabalhava majoritariamente com aquarela, transformou-se, mas também não se restringiu à nova técnica. Durante nossa entrevista, ao analisar alguns de seus trabalhos mais recentes, realizados em monotipia após um curso em Sarmede²⁸, Marilda disse: “dá para ver um processo. Entre os primeiros [trabalhos] e hoje, só soma. Não é a técnica em si que faz o livro... É o que você aprende com cada uma e que vai construindo sua identidade”. Assim, podemos entender, pela fala da artista, que não se trata unicamente de uma definição do “eu” pelo país de origem, mas pelo processo criativo em diálogo com outras vozes: “Queria era olhar mais o meu desenho e ver o que mais eu podia fazer, sendo brasileira. Esse contato com o outro, com o saber estrangeiro que domina uma técnica, é proveitoso em qualquer fase da vida, do trabalho”²⁹.

Esse movimento de pesquisa e mudança, contudo, não se limitou a esses três artistas. Na década de 1990, o grupo de artistas brasileiros atuantes no mercado era muito menor do que é hoje e, portanto, entre muitos, o convívio era próximo e, muitas vezes, quase familiar³⁰. Em entrevista, Graça Lima se reporta às reuniões de um pequeno grupo de artistas (em constante comunicação com os demais), que se reuniam em sua casa para discutir tabelas de preços e determinar medidas que assegurassem melhorias para a profissão, bem como mais qualidade na produção editorial do

²⁵ LIMA, G. Entrevista. Duração: 00:51:15. Data: 28/01/2016.

²⁶ Idem.

²⁷ CASTANHA, M. “Marilda Castanha”. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). *Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis* por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 160.

²⁸ Sarmede é uma pequena cidade na Itália, onde se localiza a Fondazione Mostra Internazionale d'Illustrazione per l'Infanzia Štěpán Zavřel a/c Casa della Fantasia, responsável por oferecer diversos cursos na área de ilustração e criação narrativa no livro para a infância, ministrados por ilustradores de diferentes países.

²⁹ CASTANHA, M. Entrevista. Duração: 03:30:21. Data: 18/04/2015.

³⁰ MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). *Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis* por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

livro para a infância: “A gente decidiu que o livro teria guarda, falsa guarda – como um silêncio, cortina – porque, até então, as editoras colocavam propagandas de outros livros”³¹.

Devido à participação engajada em abrir novos espaços e assegurar novas conquistas tanto para a produção do livro, quanto para a profissão, a experiência de pesquisa e busca artística se expandiu significativamente entre muitos ilustradores dessa geração. A despeito desse processo de diálogo entre artistas, os processos de criação individuais eram experiências singulares e únicas. Afinal, como lembra Fayga Ostrower³², “ainda que em cada pessoa as potencialidades se realizem em interligação com fatores externos, existem sempre fatores internos que não podemos desconsiderar”. A mobilização desses artistas trouxe um extenso processo de reconfigurações no fazer artístico no âmbito da ilustração do livro para a infância como um todo, ao longo das últimas décadas, que contribuíram para experimentações mais profundas das relações entre imagem, texto escrito e objeto (livro) e para a construção de uma produção brasileira mais diversificada e ousada, tanto sob o ponto de vista editorial, quanto da exploração maior dos limites das técnicas artísticas aliadas à construção da narrativa e às estratégias visuais e verbais para se contar histórias.

Mesmo que, em muitos setores (políticos, econômicos, educacionais), continue necessária a luta pela valorização do trabalho do ilustrador, bem como pelo reconhecimento do livro para a infância na plenitude de suas potencialidades artísticas e literárias, as transformações aqui relatadas, vividas no âmbito do livro ilustrado brasileiro, parecem ter contribuído significativamente para que hoje ocupemos uma posição de maior destaque e valorização no cenário internacional do que há vinte anos. Evidência disso foi, por exemplo, a premiação de Roger Mello no ano de 2014.

A premiação de Roger Mello com o Hans Christian Andersen

Em 2014, o Brasil foi, pela segunda vez, o país homenageado na Feira de Bolonha, com o reconhecimento adicional da premiação de Roger Mello com o Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra. É importante entender que esse prêmio indica a legitimação do artista, que não somente participa das exposições nos eventos de grande porte dedicados à ilustração de livros infantis, como também ocupa a posição de membro do júri de diversos concursos e festivais de ilustração ao redor do mundo. Tal destaque repercute em sua visibilidade tanto no âmbito nacional como no internacional, além de influenciar em sua valorização no mercado editorial nacional e internacionalmente.

O reconhecimento internacional da obra de um brasileiro tem importância que extrapola a celebração individual do ilustrador, com suas decisões estéticas inusitadas. Não ganha prêmio o livro que não for, como bem coloca Dolores Prades, “acima de tudo, uma manifestação artística, isto é, entre muitas outras coisas, uma experiência de fruição e de catarse que faz com que o leitor, o ouvinte, o espectador, saia de seu lugar, rompa com a linguagem cotidiana e amplie seu olhar para além do seu mundo restrito”³³. Prêmios funcionam como um argumento de barganha para

³¹ LIMA, G. Entrevista. Duração: 00:51:15. Data: 28/01/2016.

³² OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977, p.10.

³³ PRADES, D. “Quem ganha e quem perde? Eis a questão”. *Revista Emília – Leitura e livros para pequenos e grandes leitores*. 24 Maio 2018. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/quem-ganha-e-quem-perde-eis-a-questao/> Acesso em: 28 Feb 2019.

outros ilustradores brasileiros em negociação com editoras no país, que lutam contra a subjugação do livro para a infância a um modelo utilitarista de produção permeada de considerações limitantes sobre o que teria ou não valor pedagógico, voltado a interesses de mercado e de grandes grupos editoriais³⁴.

Sobre a premiação de Roger Mello, Graça Lima relatou em entrevista que “todo mundo gritou e chorou. Aí o auditório levantou e aplaudiu o grupo. Porque o prêmio não era só para o Roger, era para nós, no Brasil.”³⁵ Ela complementou, explicando que o que representava essa conquista para os ilustradores brasileiros que haviam participado da edição de 1995 era o reconhecimento pela capacidade de olhar para si, refletir sobre o próprio trabalho para conseguir atravessar uma barreira que não permitia enxergar o valor da produção latino-americana. Marilda Castanha, comentando sobre esse mesmo momento, lembrou da emoção que todos sentiram com o prêmio do Roger, porque muitos ilustradores brasileiros sentiam que “aquela feira era internacional só no nome”³⁶, já que durante muitos anos não havia interesse, por parte de representantes de editoras internacionais, em olhar os portfólios latino-americanos.

A respeito da conquista do prêmio Hans Christian Andersen, o artista Roger Mello avaliou, quando perguntado por Cristiane Rogério³⁷, em entrevista ao site Esconderijos do Tempo, sobre o que mudaria a partir de então para a ilustração no Brasil:

Muda tudo. Ganhamos um novo olhar sobre o Brasil, entendem agora o Brasil como também um país das artes visuais narrativas. Eu me sinto representando uma geração, que vem junto nestes 20 anos e que também representa uma história que começou muito antes, com Santa Rosa, Calazans Neto, Potty Lazzarotto.³⁸

O que o Brasil viveu no ano de 2014 mostra o quanto avançamos e ganhamos visibilidade. O país fora novamente homenageado na Feira, quase vinte anos depois da primeira vez, mas agora o cenário era outro. Se, em 1995, nossos ilustradores voltaram para casa com a sensação de que havia um longo caminho a ser percorrido para que se chegasse a uma produção mais consistente e madura, em 2014, na exposição *Brasil: incontáveis linhas, incontáveis histórias*, eles foram capazes de mostrar os resultados desse árduo percurso. E, como analisou a Sociedade dos Ilustradores do Brasil (2014), isso não se restringiu à experiência de Bolonha:

Pelas nossas incontáveis linhas e histórias, entre tradições e contradições, fomos homenageados duas vezes na Feira do Livro Bolonha (1995 e 2014) e na Feira do Livro de Frankfurt (1994 e 2013). Também em março deste ano, a literatura brasileira esteve no centro das atenções da Feira do Livro de Caracas. No ano retrasado o Brasil foi o país tema da Feira do Livro de Bogotá. E será o convidado, em 2015, do Salão do Livro de Paris. Em seguida, respectivamente em 2016 e 2017, receberá novas homenagens nas Feiras de Londres e Nova York. Tal trajetória surpreende apenas os desavisados. É a força de nossa poesia e especialmente a consistência crescente da produção de livros ilustrados no Brasil que a justificam e

³⁴ Idem.

³⁵ LIMA, G. Entrevista. Duração: 00:51:15. Data: 28/01/2016.

³⁶ CASTANHA, M. Entrevista. Duração: 03:30:21. Data: 18/04/2015.

³⁷ Cristiane Rogério é jornalista cultural, pesquisadora e coordenadora do curso de pós-graduação *lato sensu* O Livro para a Infância, n'A Casa Tombada/FACON.

³⁸ MELLO, R. in Rogério, C. “Roger, o premiado”. *Esconderijos do Tempo* - 31 Mar 2014. Disponível em <http://esconderijos.com.br/bologna-2014-roger-mello-o-premiado/>. Acesso em: 3 Abr 2014.

a sustentam. [...] Exibimos uma bela mostra de ilustrações, montada com garra, suor e sangue. [...] Frente à uniformidade relativa da produção alheia, fica ainda mais evidente a polifonia brasileira. Nesse sentido, as divergências também nos fazem convergir.³⁹

A conquista de Roger é muito significativa para o livro ilustrado no Brasil, não somente por suas repercussões em âmbito internacional, mas também dentro de nosso próprio país. Acontecimentos como esse reiteram um olhar confiante e valoroso sobre nossa própria produção. Ainda assim, em relação à nossa projeção internacional, talvez ainda tenhamos o que caminhar. Um ano após a premiação de Roger, Marilda ponderou que a Feira de Bolonha continua a assumir uma postura fechada aos ilustradores latino-americanos e que, de forma geral, talvez não atendamos suas necessidades de mercado, uma vez que ainda dirigem seu olhar à nossa produção de forma superficial e esperam produções de acordo com um conceito já pré-estabelecido. Mas a artista complementou que, em comparação com a experiência de 20 anos antes, a situação é muito mais favorável a nossos ilustradores e que a premiação de Roger contribui para dar maior visibilidade à produção brasileira.

Lentamente, outras mudanças vêm acontecendo e tanto os ilustradores brasileiros quanto de outros países da América Latina têm galgado seu espaço de representação no cenário internacional de forma mais significativa. Como analisa a jornalista e editora chilena Vivian Lavín, em artigo para a Revista Emília, para os latino-americanos “Chegar até aqui [na Feira] sempre é um trabalho duro. Nem todos esses países têm um *stand* nacional, mas mesmo assim seus ilustradores estão presentes”⁴⁰. Um exemplo dessas conquistas foi, na edição de 2018 da feira, o fato inédito de uma das mesas da programação ter tido o espanhol como língua oficial, em reunião convocada por Dolores Prades, entre ilustradores representantes de diferentes países latino-americanos. Pudemos testemunhar outra situação representativa dessas transformações na edição de 2017 da feira: a presença maciça de jovens ilustradores de diferentes nacionalidades, que se enfileiraram no estande brasileiro para a oportunidade de discutir seus portfólios com Roger Mello, como parte da programação de atividades da FNLIJ.

Feira de Bolonha em 2017

A possibilidade de termos participado dos quatro dias de evento, em 2017, nos propiciou uma ideia mais plena sobre a dinâmica e os múltiplos acontecimentos durante a Feira, bem como as pautas em discussão nas conferências e palestras. Tivemos também uma percepção mais apurada sobre como se dão os encontros e conexões entre os participantes e um melhor discernimento sobre os destaques concedidos a ilustradores premiados.

A Feira de Bolonha constitui-se numa grande confluência de estímulos, línguas, visualidades. Fica evidente o seu caráter de encontro, intercâmbio de ideias e possibilidades de firmação de contratos, que conferem à Feira sua grande importância no cenário editorial internacional. Trata-se também de um evento de legitimação e valorização de produções, já que as

³⁹ SOCIEDADE dos Ilustradores do Brasil. Incontáveis Linhas e Histórias Brasileiras na Feira do Livro de Bolonha de 2014. Disponível em: <<http://sib.org.br/sib-news/incontaveis-linhas-e-historias-brasileiras-na-feira-do-livro-de-bolonha-de-2014/>>. Acesso em: 03 Abr 2014.

⁴⁰ LAVÍN, V. “América Latina Fala Espanhol”. Revista Emília – Leitura e livros para pequenos e grandes leitores. 10 Jun 2018. Disponível em <<http://revistaemilia.com.br/america-latina-fala-espanhol/>>. Acesso em: 28 Feb 2019.

obras selecionadas terão sido submetidas a um criterioso crivo de avaliação por um júri qualificado.

O evento é realizado anualmente na Piazza Costituzione, em Bolonha, Itália. O espaço físico é extenso, dividido em grandes pavilhões onde distribuem-se as atividades da programação, organizadas em alguns eixos principais: ilustração, texto, tradução, editoração, compra e venda de direitos autorais.

A categoria “ilustração” ramifica-se em diversos eventos, como exposições, palestras, conferências e workshops. Na visita que realizamos em 2017, dentre as mostras de ilustração, estavam as seguintes: Mostra de Ilustradores; Mostra do país homenageado; Mostra individual do vencedor do prêmio Edições SM; Mostra *Silent Book* (livro de imagem, sem texto escrito), dedicada aos ganhadores do prêmio *Silent Book Contest* e, paralelamente, diversas exposições de originais nos estandes de algumas editoras ou países.

Entre os locais de eventos (conferências, palestras, cerimônias de premiações ou anúncios de vencedores de diversos concursos e nomeações), estavam o *Illustrators' Café* e o *Illustrators' Survival Corner*. No *Illustrators' Café*, ocorriam as reuniões entre os membros dos diversos juris avaliadores dos prêmios lançados pela Feira e também entre os juris da Mostra de Ilustradores. Havia também debates sobre os avanços em ilustração ao redor do mundo, assim como conferências e anúncios oficiais de organizações (como o IBBY) e mesas-redondas com diversos representantes notáveis do universo da publicação para a infância.

O *Illustrators' Survival Corner* foi inaugurado na edição de 2017 da Feira como um espaço dedicado exclusivamente a ilustradores, “para discutir e compartilhar experiências, sucessos e dúvidas sobre a profissão”⁴¹. Sua criação teve a colaboração da escola para ilustradores, Mimaster Illustration (Milão) e o apoio da marca de papéis Fabriano. Segundo informações disponibilizadas pela organização da Feira, as atividades programadas para aquele espaço tinham como público-alvo “jovens talentos emergentes” e, entre elas, destacavam-se

- 1) análise de portfólios, com sugestões para os jovens artistas sobre como preparar a apresentação para as editoras;
- 2) workshops e *masterclass* visando o design e ilustração de livros para a infância;
- 3) encontros com membros do júri (Conheça o Júri) e reuniões com artistas internacionais (Tapete Vermelho).

As propostas para jovens ilustradores evidenciam o interesse do evento em promover novos talentos, por meio de atividades de formação.

Na visita aos estandes dos países expositores, percebemos uma variedade de soluções, que revelavam as possibilidades de investimento dos países, tanto em relação ao número de editoras representadas, quanto em relação ao espaço ocupado e sua apresentação – que por vezes era simples e prática e, em outras, quase cenográfica. A seção brasileira dividia-se em duas espaçosas partes, separadas por um corredor: uma destinada à Câmara Brasileira do Livro (CBL) e, a outra, à FNLIJ. Por meio do Projeto Brazilian Publishers, fruto da parceria entre a CBL e Apex-Brasil, diversas editoras brasileiras e uma seção destinada aos livros vencedores do Prêmio Jabuti de 2017 dividiam o espaço no estande da CBL, enquanto a FNLIJ, com apoio do Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Roma, apresentava outras editoras brasileiras e privilegiou nas suas prateleiras livros premiados pela Fundação em diferentes

⁴¹ The Illustrator's Survival Corner, 2017. Disponível em: <http://www.bolognachildrensbookfair.com/en/focus-on/illustrators/the-illustrators-survival-corner/7238.html>. Acesso em: 28 Fev 2019.

categorias (por exemplo, Criança, Jovem, Poesia, Tradução/Adaptação, Melhor Ilustração, Projeto Editorial etc.), bem como o catálogo daquele ano e periódicos de 2017. Representantes das duas organizações atendiam o público interessado em firmar contratos ou conhecer o material exposto. Naquele ano, como parte da programação oficial da FNLIJ, cabia a Roger Mello comentar os portfólios de jovens ilustradores que visitavam a feira.

A conferência para a imprensa da IBBY nos permitiu visualizar a abrangência de ações dessa organização que se estendem para além dos dias do congresso. Foram apresentados: um apelo pela arrecadação de doações às Livrarias da IBBY em Gaza; um panorama geral dos projetos e atividades em andamento da IBBY ao redor do mundo; avisos sobre o periódico da IBBY (*Bookbird*) e sobre o 36º congresso Internacional da IBBY⁴², informações sobre o lançamento da seleção de 2017 dos Melhores Livros para Pessoas com Deficiência e sobre o Festival NAMBOOK (na Ilha de Nami, Coreia do Sul); anúncio da abertura do prêmio Hans Christian Andersen de 2018 (e menção em agradecimento à Ilha de Nami, por ser a atual patrocinadora do prêmio); informações sobre o leilão de obras originais para crianças em situação de vulnerabilidade na América Central. Essa listagem evidencia que, por intermédio das organizações participantes, a Feira oferece importantes espaços para que se debatam questões críticas sobre o contexto internacional em que a produção artística e literária voltada ao público infantil e juvenil se insere. Cabe, no entanto, destacar que, apesar da evidência de um olhar para as diversas infâncias e as condições extremamente desfavoráveis em que vivem muitas crianças, pareceu-nos muito baixa a representatividade de membros de países em desenvolvimento nos cargos mais altos das diversas organizações presentes no evento, como também nos estandes de expositores na Feira.

Outro evento de interesse foi o “Silent Book Contest – 2017”, no qual se anunciaram os artistas finalistas da edição de 2017 do Concurso de “Livro Silencioso”⁴³ e a apresentação dos membros do júri do concurso. Isso porque os três ilustradores entrevistados em nosso estudo têm produções nesse gênero. Nessa ocasião, os participantes da mesa tomaram a palavra para enaltecer o livro de imagem por sua natureza “universal”, uma vez que a narrativa não se pauta no texto escrito e, portanto, ultrapassaria barreiras geográficas, culturais e sociais entre as crianças leitoras de todo o mundo. Contudo, em sua pesquisa de doutorado, Araújo (2016) defendeu que o livro de imagem não é universal – pelo contrário, há particularidades e distinções também nas interpretações das imagens por parte de leitores de diferentes culturas⁴⁴. Todavia, os apresentadores do concurso pareciam conceber o “*silent book*” como linguagem “internacional” e, por conta disso, de grande valor diante da situação sociopolítica mundial atual. Os membros do júri colocaram-se de acordo com essa ideia e se pronunciaram quanto aos critérios de escolha dos finalistas, dentre os quais se destacava a “habilidade narrativa”, muitas vezes em detrimento à

⁴² O evento estava programado para ser realizado em Istambul, mas fora cancelado devido a ataques terroristas na região.

⁴³ No Brasil, costuma-se denominar essa categoria de livros como “livro de imagem” ou “livro-imagem”, aqueles em que a narrativa é essencialmente visual, não conta com a presença de texto escrito.

⁴⁴ ARAÚJO, Hanna. *Processos de criação e leitura de livros de imagem: interlocuções entre artistas e crianças*. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, UNICAMP, 2016.

habilidade técnica, tendo em vista que o essencial era “expressar a história e as emoções; ter a capacidade de contar uma história por imagens”⁴⁵.

Discussão

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, muitas foram as notícias e transformações ligadas ao universo do livro para a infância no Brasil, reveladoras do dinamismo desse campo em expansão no país, bem como de seu alcance para além de nossas fronteiras. Alguns exemplos promissores foram aqui relatados, como a premiação de Roger Mello com o Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra em 2014 e o reconhecimento dos ilustradores brasileiros nas situações em que o Brasil foi o país homenageado na Feira de Bolonha, em 1995 e 2014. Outras transformações, contudo, revelam a condição de subjugação do livro para a infância no Brasil a políticas que, por vezes, inibem a concretização de todas as suas potencialidades, ou sua existência como obra completa na relação intrínseca entre imagem, palavra e objeto.

Apontamos, entre as medidas que desvalorizam a categoria de criadores de livros para a infância, a recente junção das categorias “Infantil e Juvenil” no prêmio Jabuti, determinada pela CBL (Câmara Brasileira do Livro). Tal decisão foi entendida como um retrocesso por grande parte dos criadores de livros para a infância, pois a reformulação desconsidera as especificidades desse segmento literário. Outra medida que também consternou sobretudo os artistas ilustradores foi a mudança na categoria “Ilustração” do prêmio, que passou a ser englobada pela categoria “Livro”, que abrange outros aspectos da produção, como projeto gráfico, impressão e capa, o que parece limitar a ilustração a um aspecto “técnico”, quando, na realidade – sobretudo no livro para a infância – ela protagoniza como elemento estrutural da narrativa. A modificação, portanto, parece não reconhecer devidamente o ilustrador como autor, o que representa mais um passo para trás numa luta que vem sendo travada há décadas por artistas ilustradores, que são tão responsáveis pela criação do livro e construção das narrativas quanto os escritores. Considerando que o Jabuti é um dos prêmios mais importantes na literatura brasileira, instituição de legitimação da produção nacional dentro e fora do país, medidas como essas talvez indiquem um descompasso entre a evolução da discussão acerca do livro para a infância por parte dos ilustradores e a realidade das políticas que ainda regem sua dinâmica no país.

Também trouxe preocupação à categoria as novas diretrizes exigidas pelo Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) para a compra de livros para o ano de 2019, que passaram a dividir os livros por temas e a delimitar dimensões e formatos das publicações, o que leva a constatar claramente a subjugação do livro para a infância a um modelo utilitarista de produção editorial, voltado aos interesses de mercado. Outro exemplo disso foi a delimitação rígida de faixas etárias estabelecidas para classificar a quem se destinariam as obras. Essas divisões não somente estavam entre as diretrizes do edital, como são costumeiramente encontradas em livrarias, bibliotecas e escolas; são restritivas porque desconsideram a diversidade de camadas de leitura, interpretação e construção de significado por diferentes leitores – independentemente da faixa

⁴⁵ Anotações no caderno de campo da pesquisadora.

etária. Entendemos o “livro para a infância” como obra literária e objeto artístico, no qual a palavra, a imagem e a materialidade compõem o todo narrativo. A obra dialoga *também* – e em primeira instância – com a criança, mas não se restringe a ela. Enquanto obra literária e objeto de fruição estética, o livro estabelece relações significativas também com o leitor jovem ou adulto. O livro para a infância, hoje, representa talvez o mais profícuo terreno para experimentações artísticas e estilísticas, de onde advêm preciosas inovações no modo de contar (e vivenciar) histórias e onde autores (escritores e ilustradores) encontram poderosa via de expressão artística.

O país vive, atualmente, um cenário de incertezas políticas, em que medidas conservadoras, autoritárias e, por vezes, retrógradas, atingem impiedosamente os setores de educação e cultura. O livro para a infância está inserido em ambos, como produção artística, cultural e de ampla inserção no contexto pedagógico. Sendo assim, o momento é propício e urgente para que repensemos o livro em seu caráter de resistência e transformação da realidade. Inclusive, talvez, realidade das relações econômicas que balizam grande parte da circulação do livro. Espaços de encontro e debate, formação de professores e mediadores de leitura, exposições que abordam processos criativos são exemplos de iniciativas que não nos deixam perder de vista o caráter vivo e militante da produção literária para a infância.

No caso do Brasil (e de outros países da América Latina), à exceção talvez dos clubes de leitura e das pequenas editoras⁴⁶, fatores que influenciam a produção e comercialização de determinados livros em detrimento de outros são propostas políticas de governo, bem como propostas educacionais no âmbito do ensino formal. Ambas as instituições, governo e escola, se relacionam e, muitas vezes, determinam regras às quais subjugam-se muitas editoras grandes, no intuito de não se perderem na competição do mercado.

A partir das vivências, leituras e entrevistas que fizeram parte deste estudo, pudemos compreender como as feiras internacionais de livros infantis se inserem na rede de relações da produção do livro para a infância e, particularmente, seus diálogos e impactos no trabalho do ilustrador. Percebemos os nossos interlocutores preocupados de um lado com as suas buscas poéticas pessoais, mas também conscientes do trabalho político que o momento exige.

Como vimos por meio dos depoimentos de Graça, Marilda e Roger, a vivência daquele grupo, em 1995, foi particularmente importante, não somente por ter sido a primeira ocasião em que o Brasil era homenageado no evento, mas também por ter ocorrido numa época em que o acesso a trabalhos de colegas ilustradores de outras nacionalidades era muito restrito, em comparação aos dias de hoje. Naquela ocasião, diante das obras de seus pares, descortinavam-se possibilidades e soluções narrativas ainda não exploradas por nossos ilustradores, na criação do livro para a infância. Como lembra Marilda, em entrevista, “Foi uma situação que me ensinou muito a ver”⁴⁷.

O retorno ao Brasil com a reflexão sobre a própria produção e, em seguida, a mobilização pelas pesquisas, contribuiu para um processo de reconfiguração no fazer artístico no âmbito da ilustração brasileira como um todo, gerando novas experimentações nas relações entre imagem, texto escrito e objeto/materialidade. Contudo, ainda que houvesse um senso de busca conjunta por

⁴⁶ Em resposta à crise econômica que atingiu inclusive o setor livreiro, proliferaram-se clubes de leitura, que garantem suas vendas a partir de assinaturas. Pequenas editoras apostam em nichos do mercado do livro para a infância, geralmente compostos por um público específico, interessado em obras que muitas vezes fogem do padrão mais comumente encontrado no circuito comercial de editoras maiores, por investirem em formatos e experimentações gráficas e narrativas menos convencionais.

⁴⁷ CASTANHA, M. Entrevista. Duração: 03:30:21. Data: 18/04/2015.

ideais similares e o resgate de referências às pluralidades de nossa cultura enquanto país, após a experiência da feira, os desdobramentos pessoais dessas buscas foram distintos, como fica evidente a partir dos depoimentos dos ilustradores entrevistados.

No âmbito geral, além de um desenvolvimento qualitativo na produção das imagens narrativas nos livros para a infância, aconteceram importantes conquistas para a profissão do ilustrador, oriundas do engajamento político dos artistas. Ainda que hoje em dia configurem-se novos desafios, as gerações de criadores posteriores à década de 1990 trilham caminhos possíveis pelo desbravamento de gerações anteriores, com quem o diálogo e a troca mantêm-se vivos e abertos.

Atualmente, há possibilidades mais fluidas de diálogo entre ilustradores – tanto aqueles com carreira consolidada quanto os que estão em início de carreira – bem como o aumento ao acesso a produções estrangeiras e a possibilidade de exposição do próprio trabalho de forma muito mais imediata do que há duas décadas (por meio de redes sociais, por exemplo), mudanças que configuram um cenário diferente para o trabalho do ilustrador do livro para a infância. Contudo, feiras internacionais, assim como festivais, salões e bienais de ilustração continuam sendo eventos de importância singular no campo da ilustração.

Como pudemos observar, trata-se de situações que não apenas oferecem oportunidades de trocas de experiências e conhecimentos, engajamento em discussões, o contato presencial com diferentes obras, bem como possibilidades de dar visibilidade ao próprio trabalho, mas em muitos casos, são ainda vias de acesso a cursos, palestras, resultados de pesquisas acadêmicas etc. Esse conjunto de possibilidades contribui para caracterizar as feiras de livros como contextos de aprendizado e complementação da formação profissional. São locais de estímulo à produção e de questionamento da realidade e das condições e possibilidades de criação.

Além disso, eventos como a Feira de Bolonha influenciam as tendências na produção do livro para a infância (e, conseqüentemente, nas escolhas editoriais frente ao mercado), ao estabelecer patamares de qualidade, eleger e legitimar a produção de determinados indivíduos e/ou países em detrimento de outros. Nesse sentido, podem ser também espaços de competitividade e conflitos de interesses. Mas não deixam de ser espaços de inclusão, debate político e ideológico, onde se pensa a produção do livro para a infância e a leitura como parte da construção de cidadania e democracia.

Referências

ANNUAL' 95: Fiction. Bologna – Illustrators of children's books. Illustratori di libri per ragazzi. New York: North South Books, 1995.

ARAÚJO, Hanna. **Processos de criação e leitura de livros de imagem: interlocuções entre artistas e crianças.** Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, UNICAMP, 2016.

BECKER, H. S. **Art worlds.** Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2008.

CASTANHA, M. "Marilda Castanha". In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). **Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis** por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTANHA, M. Entrevista. Duração: 03:30:21. Data: 18/04/2015.

The Illustrator's Survival Corner, 2017. Disponível em: <http://www.bolognachildrensbookfair.com/en/focus-on/illustrators/the-illustrators-survival-corner/7238.html>. Acesso em: 28 fev. 2019.

- LAJOLO, 2010. “Literatura infantil brasileira e estudos literários”. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.36, Jul a Dez, 2010, p. 97-110.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.
- LAVÍN, V. “América Latina Fala Espanhol”. **Revista Emília – Leitura e livros para pequenos e grandes leitores**. 10 Jun 2018. Disponível em <<http://revistaemilia.com.br/america-latina-fala-espanhol/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- LIMA, G. “Graça Lima”. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). **Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- LIMA, G. Entrevista. Duração: 00:51:15. Data: 28/01/2016.
- MELLO, R. in Rogério, C. “Roger, o premiado”. **Esconderijos do Tempo** - 31 Mar 2014. Disponível em <http://esconderijos.com.br/bologna-2014-roger-mello-o-premiado/>. Acesso em: 3 Abr 2014.
- MELLO, R. Entrevista. Duração: 00:23:13. Data: 05/04/2017.
- PRADES, D. “Quem ganha e quem perde? Eis a questão”. **Revista Emília – Leitura e livros para pequenos e grandes leitores**. 24 Maio 2018. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/quem-ganha-e-quem-perde-eis-a-questao/>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.
- OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- SALISBURY, M.; STYLES, M. **Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual**. Trad. Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2013.
- SALISBURY, M. Entrevista. Duração: 01:05:05. Data: 16/11/2015.
- SALLES, C. A. **Redes de Criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.
- SERRA, E. D. Exposições e ilustrações de obras de literatura infantil no exterior. In: **Um imaginário de livros e leitura: 40 anos da FNLIJ**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.
- SOCIEDADE dos Ilustradores do Brasil. Incontáveis Linhas e Histórias Brasileiras na Feira do Livro de Bolonha de 2014. Disponível em: <<http://sib.org.br/sib-news/incontaveis-linhas-e-historias-brasileiras-na-feira-do-livro-de-bolonha-de-2014/>>. Acesso em: 03 abr. 2014.
- MELLO, R. “Roger Mello”. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (orgs). **Traço e Prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ZILBERMAN, R. “Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI”. In: **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, n.13, n. 15, p. 183-200, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451677014>>. Acesso em 25 fev. 2019.

Recebido em: 10 de março de 2019

Aceito em: 11 de abril de 2019